

## Foi estabelecida a censura aos jornais por desejo e conveniência dos monárquicos

Está estabelecida a censura à imprensa. A partir de ontem os jornais só escreverão o que convier ao Terreiro do Paço, onde pululam os prosélitos de D. Manuel.

O direito de crítica aos actos do governo, o livre exercício da imprensa está neste momento dependente da vontade e do arbitrio do censor oficial, criatura em regra de sensibilidade embotada e de pensamento obtuso.

As afirmações de liberdade produzidas pelos chefes do movimento revolucionário estão derrubadas. Hoje, se alguém gosa liberdade são os monárquicos e todos os inimigos do regime, únicos a quem agrada sumamente o cerceamento da liberdade de crítica.

Com a medida adoptada pelo governo do general Gomes da Costa o público ficará privado do conhecimento dos maneios dos inimigos das actuais instituições.

Amanhã quando os defensores do regime deposto se lançarem de novo no caminho da implantação da Monarquia, como o tentaram fazer ainda há dias, os jornais não informarão o público desse grande acontecimento, os jornais não poderão agitar a opinião pública porque isso lhes será vedado pela censura, que accionará as ordens dos donos disto, que afinal são os monárquicos.

Para provarmos esta nossa asserção temos ainda um facto ontem ocorrido, do qual nos vamos fazer eco.

O ministro do Interior convidou ontem de tarde os representantes dos jornais a uma reunião que teve lugar no gabinete daquele titular. Nessa reunião o sr. dr. António Claro significou a sua consideração pelos profissionais do jornalismo e que é a eles que se vai dever uma grande parte do êxito da obra que o governo tem em vista.

Para essa obra, acrescentou o ministro, o governo conta com a colaboração da imprensa sem desejar que os jornais abdicuem do seu direito de crítica, desde que o façam com a lealdade que é lícito esperar.

Dos jornalistas presentes só o representante de *A Batalha*, que era o nosso director, declarou que o seu jornal não podia colaborar com o governo, mas prometteu-lhe uma crítica honesta e leal aos seus actos.

O dr. sr. António Claro aceitou muito satisfeito as declarações do nosso director e os representantes dos jornais retiraram-se intimamente convencidos de que não seria estabelecida a censura aos jornais.

Porém, qual não foi o nosso espanto quando horas depois recebemos, com a chancela da Polícia Cívica de Lisboa, o officio que segue:

«... Sr. director do jornal *A Batalha*:—Por ordem superior, leve ao conhecimento de v.ª... que, a partir de hoje, é estabelecida a censura à Imprensa, não sendo permitida a saída de qualquer jornal, sem que quatro exemplares do mesmo sejam presentes ao Comando Geral da Guarda Nacional Republicana, para a qual fim. — Saide e Fraternidade. — Lisboa, 22 de Junho de 1926. — O 2.º comandante, Cap. Anibal de Azevedo.»

Este officio era bem significativo. Influências exteriores tinham conseguido atropelar o estabelecido com o ministro do Interior. A censura irrompia por vontade de D. José de Serpa Pimentel, expoente máximo do pensamento monárquico.

Mais tarde, isto é, às 22 horas, os representantes da imprensa, a convite do comando geral da G. N. R., reuniram-se no Quartel do Carmo para conhecerem as condições em que seria estabelecida a censura aos jornais.

Por um officio do exército foi notificado aos circunstantes que os jornais ficavam com o dever de todas as madrugadas enviarem ao Quartel do Carmo quatro provas de cada página que seriam censuradas pela comissão nomeada.

Era também condição, segundo declarou o mesmo cavalheiro, não publicar os jornais com os espaços em branco. Quere dizer: a prosa censurada tinha que ser retirada e substituída por outra que voltaria igualmente a soltar a censura.

Os representantes de alguns jornais lembraram a impossibilidade de se aceitar uma situação dessas, pois os jornais pequenos não possuem um quadro tipográfico que facilmente substitua as partes censuradas.

Não se conformando com as objecções feitas pelos representantes dos jornais, o referido officio do exército retorquiu-lhes que era aquela a condição em que se podiam publicar os jornais.

Está, pois, estabelecida a censura à imprensa. Durante algum tempo a feroz mordacão impedirá que o público seja informado do que de mais importante ocorre por este país onde os monárquicos do estofo de D. José de Serpa conseguem vulnerar um dos mais belos princípios que as democracias nos ligaram.

Este atentado à liberdade, que serve apenas para os monárquicos realizarem fivemente o seu trabalho, definiu claramente as intenções destes titereiros que querendo derrubar os politicos, se arvoram em tiranos tanto ou mais abjectos do que aqueles.

Vamos viver em censura. Já sabemos que durante alguns dias o nosso pensamento não poderá correr mundo porque não é o pensamento do Nemo, nem o pensamento dos biltres que enxameiam o país.

## Eshôco biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

### Em Bruxelas. As aspirações polacas

Viu ali os primeiros emigrantes polacos e, como em toda a parte, soube encontrar os homens mais distintos dos movimentos, sendo recebido por eles como uma relação interessante. Conheceu de perto um dos polacos mais simpáticos daquela época, o velho Joaquim Lelewel, e viu assim as aspirações polacas na sua forma mais pura, porém também a mais consequente e inalterável—a Polónia «histórica» de 1772, que abrange a Lituânia, a pequena Rússia e a Rússia Branca. Em face della defendia ele, como russo e como democrata e internacionalista, o direito à autonomia ou à independência dos países nos polacos dentro daquelas fronteiras «históricas», e assim ocorreu, inevitavelmente, que, em toda a sua simpatia pelos polacos, em todos os seus esforços para produzir uma cooperação, os polacos o consideravam sempre como um obstáculo pernicioso que perturbava profundamente os seus planos e nunca responderam seriamente à sua sinceridade e à sua solidariedade.

### Bakunine em Paris. Suas ideias e relações

Porém, como ambas as partes se consideravam reciprocamente como um factor revolucionário de certo valor, a divergência foi raramente declarada com franqueza; mas, todos os ensaios de acções comuns estavam destinados ao fracasso. Sucedia ainda que, como é de compreender, o problema da libertação e da divisão da terra pelos camponeses separava Bakunine do poderoso partido aristocrático polaco tanto como o seu extremo clericalismo.

Depois de uma curta visita a Paris, Bakunine persuadiu o seu amigo Reichel, que com ele viveu a maior parte do tempo até 1847, a dirigir-se, em Julho de 1844, a Paris, onde ambos depois se estabeleceram.

Bakunine frequentou primeiramente os círculos radicais alemães, o ambiente do semanário *Vorwärts*, onde conheceu Marx e Engels. Existiam então lamentáveis conflitos entre Ruge, Marx e Herwegh, até que o centro alemão foi desfeito pelas expulsões e suspensão do periódico. Bakunine não se interessou muito intensivamente pelo movimento alemão; porém, relacionou-se gostosamente com Herwegh e sua mulher, com Karl Vogt, com alguns comunistas alemães, numa palavra, com o círculo dos conhecidos suíços de 1843-44.

Conheceu também socialistas franceses e personalidades políticas e literárias de toda a espécie, sem que travasse particularmente relações muito íntimas com nenhum d'elles, com excepção de Proudhon, cujas ideias e personalidade o atraíram e o qual também testemunhava interesse por Bakunine. Viu o decabrista Nicolau Turgueniev e a muitos visitantes russos de Paris, polacos, italianos e outros.

Era uma época em que viam a luz da publicidade uma quantidade enorme de ideias avançadas, sem que nenhuma delas conseguisse atingir a primeira linha, pois parecia que se aspirava a última e pura perfeição junto ao sistema burguês, sob o qual, no entanto, se ouvia rugir a próxima revolução. «Havíamos chegado ao ponto (dizia Bakunine a um socialista francês em 1876) de ter firmemente que assistamos aos últimos dias da velha civilização e que comecemos o reino da igualdade. Poucos foram os que resistiram ao meio em extremo cal-

## Notas & Comentários

### Senhora absoluta

O chefe do gabinete do ministro das Finanças é, lemo-lo ontem num jornal, um dos corifeus da Moagem.

O sr. Filomeno da Câmara chamando para junto de si este homem mostrou naturalmente o desejo de ser agradável à Moagem, poderosa potência que está acima de todos os regimes e domina todas as situações. Desta amizade do sr. Filomeno da Câmara devem resultar, de certo, notícias desagradáveis para os consumidores. Através de todas as situações a Moagem tem sido a senhora absoluta, tão absoluta que já se instalou nesta situação política profundamente moralista e moralizadora...

### O «placard» policial

O capitão sr. Franco disse ontem, numa entrevista, que a policia vai ter um placard destinado a desmentir as notícias falsas publicadas nos jornais.

Esta extraordinária medida presta-se a irreprimíveis comentários pittorescos. A verdade vai ser não só um atributo mas um monopólio da policia; quem fala verdade dentro em breve não é a imprensa, não é um simples particular, é o 17 da 4.ª de pés compridos e letras curtas.

Que venha, pois, o placard policial, para que os leitores fiquem conhecendo o amor enraizado que o Governo Civil existe pela verdade. Vamos ter verdades como punhos—como punhos cerrados e ameaçadores...

### Bemvindo

Com o seu segundo número iniciou *A Revolução Nacional*, órgão da actual situação, a permuta com os jornais. Visitou-os ontem o novo colega na imprensa, vindo tão interessante como aquele primeiro número que nós, em boa hora—longe vá o agora—em boa disposição de espirito, conhecemos. Visto que nos considera socialmente, não hesite em aceitar cordiais saudações de um adversário...

Isto é que é argúcia...

A noite de anteontem foi de perfeita agitação em Lisboa. Os boatos sobre o movimento de carácter monárquico que, segundo os melhores barómetros, devia eclodir de madrugada provocaram no espirito da população um grande alvoroço. De todo esse bulício deram nota, em breves relatos, os jornais de ontem. Porém *O Século*, com uma argúcia a toda a prova, conseguiu descobrir que «na praça de Camões também um grupo de indivíduos filiados na C. G. T. soltara vivas à revolução social e abaixo a ditadura militar». Como conseguir o órgão das «fortes rivais» descobrir que os manifestantes eram filiados na C. G. T. ? Assombrado, um ensino anti-religioso em vez de a-religioso, inconsequente.

## O ensino religioso

Sedolito, pseudónimo dum illustre pedagogo, apreciou, deste modo, o ensino religioso numa interessante revista de ensino que se publica em Lisboa:

«Desde que seja permitido, inconsequente e antipedagógico, um ensino religioso nas escolas, implicitamente quebra-se o pacto de neutralidade estabelecido pelo professorado, e justifica-se, em contramando, um ensino anti-religioso em vez de a-religioso, inconsequente.

A atitude imparcial do professor não religioso perante essa quebra de neutralidade tem de ser legitimamente diversa daquela que se lhe poderia exigir num regime de ensino inconsequente.

E a nefasta luta religiosa, a luta do fanatismo contra fanatismo, entra na Escola, com gravíssimo prejuizo das pobres crianças, que são, afinal, as vítimas sofredoras das dissensões dos crescidos.

O educador, digno deste nome, que tem, no mais alto grau, o respeito pela dignidade mental dos seus discípulos e pela autonomia de opinião dos futuros adultos que eles representam, só deve ensinar as verdades que estejam dentro da capacidade mental do educando, a fim de evitar o hábito de aceitar verdades ou erros já feitos e que os outros dizem ser verdade, fica numa situação insustentável perante a tolerância ou legalização do ensino religioso, e ver-se há forçado a contrapor ao preconceito religioso outro preconceito que destrua o primeiro.

E assim se ofende o mais respeitável e intangível dos direitos da criança!

Mais uma vez os adultos abusam covarde e egoisticamente da sua força, impondo, para fins de domínio, à criança as suas ideias e preconceitos.

E a Escola, mansão de Solidariedade, converte-se em liça de rancorosos despeitos.

## «A Batalha» de ontem

Por motivo duma avaria na máquina onde o nosso jornal é impresso, *A Batalha* de ontem não teve a sua circulação normal, percalço involuntário que, esperamos, os nossos estimáveis leitores desculparão.

deado de Paris. Em geral, bastavam dois meses de boulevard para transformar um liberal em um socialista...

A pesar-dessa vida agitada e interessante de 1845, 46 e 47, Bakunine não podia sentir-se satisfeito. Estava mais isolado que todos os outros e faltava-lhe um campo de actividade, um porvir. Bem consideradas, as tendências socialistas eram todas muito unilaterais, cada uma delas hostil entre as outras e limitavam-se, pela ausência de direito de coalizão e outra liberdade pública de movimentos, a vida artificial por meio de livros, periódicos e pequenos grupos. Se se afirma que Bakunine não aderiu a nenhuma tendência, é justo; porém, quando com isso se quer concluir que ele não era socialista, então, segundo minha opinião, comete-se um grande erro.

(Continua)

## A extinção das Escolas Primárias Superiores

O sr. Mendes dos Remedios é um reactionário quasi maníaco. Nada faz, sem consultar o bispo de Coimbra, a quem ele considera o agente transmissor da vontade de Deus. Feito ministro da Instrução, aceitou depois do bispo lhe ter declarado que era essa a vontade de Deus. E, submisso à vontade da tropa, encarnando até onde pôde o espirito caserneiro, deitou abaixo num decreto rispido as Escolas Primárias Superiores.

Aduziu-se em defesa daquela iniqua medida, que suprimia cerca de 40 escolas num país onde elas escasseiam e o analfabetismo existe na apavorante cifra de 75 por cento sobre a totalidade da população, que as Escolas Primárias Superiores não tinham nem professores competentes, nem alunos. De facto, alguns são manifestamente incompetentes e também há escolas que lutam com falta de alunos.

Mas, essas duas circunstâncias não podem de modo algum justificar a erradíssima e violentíssima medida que suprimiu aqueles estabelecimentos de ensino. Se havia professores incompetentes — e a maioria d'elles não era — expulsavam-nos e substituíam-nos por pessoas devidamente habilitadas, o que seria extremamente fácil.

Quanto à falta de alunos — a culpa é do próprio Estado que votou as Escolas Primárias Superiores ao abandono e tornou a sua existência precária, devido ao grande número de ministros da Instrução que ameaçaram suprimi-las. Em torno delas criou-se um mau ambiente: muita gente receava nelas matricular-se, convencida de que não chegaria ao fim dos cursos. E os que tal receavam não se enganaram nas suas pessimistas impressões.

As Escolas Primárias Superiores destinavam-se às classes trabalhadoras, visto que as matriculas nelas eram absolutamente gratuitas o que as tornava acessíveis, e os seus cursos destinavam-se a habilitar para a vida prática aqueles para quem o trabalho é um modo de vida e não um sport delectável.

Não cumpriram a sua missão por culpa do Estado. Tinham professores incompetentes? O Estado foi quem os nomeou. Escasseavam os alunos? O Estado foi quem contribuiu para que tal facto se desse.

Em face disso, a única medida justa que, sem hesitações, devia ser tomada constituiria não na sua suspensão mas na sua remodelação. Eliminavam-lhes os defeitos e tornavam-nas aptas a cumprir a sua missão. Assim não se fez porque os mentores do Terreiro do Paço entenderam que as classes trabalhadoras não deviam ter direito à instrução.

E com receio de que os protestos contra essa injusta medida se fizessem sentir, os que degolaram as Escolas Primárias Superiores tomaram esta decisão, para a qual a classificação de ignóbil não é bastante expressiva: entregarem aos senhores, a partir de 30 do corrente, os edificios onde se encontravam instaladas as Escolas Primárias Superiores.

Compreende-se claramente o alcance desta medida, desde que se tenha em conta a crise de habitações existente e a falta de edificios com que o Estado luta.

Os que deitaram abaixo as escolas entregam os edificios a-fim de tornar impossível o seu ressurgimento, mais tarde, quando passe esta situação de demolição odiosa.

Não será tempo de emendar a mão, reconhecendo-se que a extinção das Escolas Primárias Superiores foi um tremendo disparate e uma infâmia sem classificação?

## De como se fala de uma amizade que ninguém vê

A Revolução Nacional empenha-se furiosamente em tornar famoso o título infeliz que escolheu—infeliz, segundo o critério dos vendedores que se esfalfam a apregoá-lo, estentoreamente, sílaba por sílaba. Não escapa ninguém, na nacionalidade portuguesa, à pancadaria revolucionária do noctívago periódico.

Ontem, lá vinha clamando furiosamente a nossa amizade pelo sr. Ferreira do Amaral, amizade em que ninguém acredita, a começar pelo favorcido. Como podemos nós desejar a amizade de um homem que, contra operários, realizou uma obra de ódio tóxico, chegando ao cometimento dos mais repugnantes excessos, como aquela ordem de fuzilamento que foi selvaticamente cumprida nos Olivais?

Foi só o seu comando que a policia cometeu inúmeros assassinatos e outras violências bárbaras que ficaram impunes e foram muitas vezes louvados. Dêstes assassínatos e destas violências impunes foram vítimas, quasi sempre, os operários, como Domingos Pereira e Diamantino Anunciação.

O sr. Ferreira do Amaral é figura sinistra que nos não esquece mais. A sua desgraça nunca nos poderia comover, e muito menos merecer de nós qualquer manifestação de piedosa amizade.

Ao contrário, a situação que a fôlha da Horta Seca defende com fúria talvez encontre no sr. Ferreira do Amaral e nas suas bárbaras tradições óptimas garantias de lealdade... Poucos dias esperamos para ver como se cumprem os fados

## A razão da nossa atitude

Enquanto os chefes do movimento militar triunfante proclamam aos quatro ventos que o seu objectivo é salvar o país e a república—que os politicos iam perdendo e derrubando—a organização operária, ou melhor a C. G. T., afirma que se trata dum movimento absolutamente reactionário e ditatorial que pondo em perigo o actual regime ameaça violentamente as liberdades e as regalias conquistadas pelas classes trabalhadoras.

Há muita gente que afirma não estar disposto a suportar a situação que a C. G. T. denunciou... mas que, no entanto, esse perigo ainda não existe e que, por conseguinte, se deve aguardar os acontecimentos.

A C. G. T., porém, é que não afina por esse diapasão. A sua attitudo e as afirmações com que ela a justificou são suficientemente demonstrativas, mas mesmo assim torna-se necessário explicar as razões que existem para não acreditar nas palavras dos triunfadores.

A sua afirmação de que vão dignificar a república é uma cantata, quando muito eles vão se esforçar por monarchisá-la.

Quando o povo escutava com enlêvo os oradores dos comícios da propaganda republicana, nunca lhe passou pela mente que a república que eles preconizavam se resumisse apenas à substituição das cores de uma bandeira, que a mudança se resumia à abolição do trapo azul e branco e à inauguração do trapo encarnado e verde.

O povo operário que assistia a esses comícios supunha que lutava pela modificação das condições da vida económica e social, pela liberdade de reunião e de pensamento, pelo melhoramento constante e gradual das classes trabalhadoras, pela terminação da influência fradesca e jesuítica que mantinha sob o terror quasi toda a população do país.

Os republicanos mal depuzeram a monarchia começaram logo a desrespeitar o seu programa e a trair totalmente as suas promessas e a república tornou-se devido a isso um regime sem dignidade.

Portanto, para dignificar a república seria necessário realizar a obra levada a cabo pelos seus propagandistas. E' do que não são capazes os homens que actualmente estão senhores do poder, visto que todas as suas afirmações são opostas às aspirações condensadas no programa com que foi proclamada a república em 5 de Outubro de 1910. Não querendo eles continuar a obra nada republicana que vinha sendo feita só podem inevitavelmente fazer obra monarchica embora não haja mudança de bandeiras.

O sistema é que vai mudar no sentido próprio da monarchia que de constitucional passará a absoluta, com rei ou regente. A personalidade jurídica às igrejas, o ensino religioso nas escolas e o encerramento das Escolas Primárias Superiores e o programa da nova constituição já ouvido pelos detentores da governação são sintomas mais do que justificativos das afirmações e da attitudo da C. G. T.

Silva CAMPOS

## Os últimos acontecimentos

### A situação continua muito nebulosa e inquietante

Os elementos monárquicos não descansam. Triunfantes da revolução de 28 de Maio, que destruiu a dinastia do Partido Democrático, procuram agora reimplantar o odioso regime despedaçado em 5 de Outubro de 1910—uma Monarquia.

Na noite de anteontem propunham-se os referidos elementos lançar o país em mais uma revolução para conseguir o triunfo das suas opiniões políticas, que são as opiniões dos homens vergastados a quando da heroica escalada de Monsanto.

Só por um feliz acaso e por nem todas as divisões militares concordarem com as doutrinas dos prosélitos de D. Manuel é que a estas horas Portugal não é teatro de uma das mais sangrentas guerras civis.

Não conseguiram os defensores do rei fazer triunfar os seus desejos. Não quer, porém, isso dizer que eles tivessem desarmado e que não pensem em dar o último golpe para o advento da Monarquia.

Ainda na madrugada de ontem alguns elementos republicanos dissolveram à bengalada várias manifestações que se esboçaram no Rossio.

Assimava-se ontem no governo civil que o soffrço é absoluto em todo o país, apenas tendo havido, durante a noite de anteontem, medidas de prevenção, em virtude de alguns elementos pretenderem alterar a ordem.

O vapor *Lima*, que chegou ontem ao Tejo, trouxe a bordo os revolucionários de 2 de Fevereiro, Martins Júnior, dr. Lacerda de Almeida, tenentes Graça e Moraes, 13 sargentos e 11 civis.

Na ponte de Santos, onde o barco atracou, aguardavam os seus correligionários vários elementos radicais que fizeram aos recémchegados uma entusiástica manifestação.

Depois do desembarque houve vivas e discursos e Martins Júnior dirigiu-se para Belém, onde foi conferenciar com o general Gomes da Costa.

Por estes dias deve ser publicada uma lei que regula o exercicio da imprensa.

## Os mineiros ingleses não aceitarão o aumento de horas de trabalho

LONDRES, 28. — O sr. Cook, secretário da federação dos mineiros, pronunciou um discurso dizendo ser mais fácil aceitar uma redução de salários que o dia de oito horas de trabalho, ameaçando, no caso do governo persistir nas suas intenções, em a federação examinar a possibilidade de serem retirados os homens assegurando os trabalhos das bombas que impedem a inundação das minas.

## Influência da educação na vida psicológica do homem

A vontade não é apenas a excitação causada pelas ideias ou a reacção motora dos sentidos e das ideias; é também, para falar a linguagem da fisiologia, um poder de inibição.

Ribot.—«As doenças da Vontade»

Das manifestações afectivas, as mais elevadas são as que supõem o desenvolvimento da intelligencia: os desejos, os sentimentos, as paixões, esta categoria de manifestações que, cronologicamente, são as últimas a formarem-se no individuo.

Os primeiros estados affectivos que se manifestam no individuo são os que respeitam à conservação da espécie; finalmente, surgem as manifestações morais, scientificas, religiosas, etc.

Os elementos do acto voluntário são o estado de consciencia que diz simplesmente eu quero, sem que por si tenha qualquer efficacia, e o estado psico-fisiológico determinante do poder de agir ou de impedir.

A volição é sempre um estado de consciencia. Todos os estados conscientes ou subconscientes se reduzem a uma acção ou a uma inibição. A coordenação destes estados, puramente fisiológicos, dá-nos um estado de consciencia final, que é a volição. A volição não é, pois, senão uma afirmação ou uma negação, isto é, um poder de acção ou um poder de inibição. O factor principal desta coordenação é o carácter, o acto que determina esta coordenação é a escolha.

Fisiologicamente, o acto voluntário resulta da reacção do sistema nervoso sobre o organismo; psicologicamente, o acto voluntário resulta da comparticipação dos estados conscientes e subconscientes que constituem o eu, não sendo apenas, como muita gente supõe, a simples transformação de um estado de consciencia em movimento.

Não é propósito meu enveredar para o complexo trilhado das theorias da acção e da inibição e explicar porque é que um estado de consciencia se transforma em acção e movimento e outras coisas. Isso levar-me-ia muito longe e desviar-me-ia, porventura, do assunto principal que me propus tratar. O verdadeiro motor do individuo é o carácter; ao carácter falho, variavel ou estável corresponde a vontade fraca, intermitente ou firme. A vontade e o hábito são influenciados, fundamentalmente, pelo instinto. E' preciso educar a vontade para que ella modifique os actos maus que, por instinto, queiramos praticar.

Mas, por sua vez, o hábito—uma segunda natureza, conforme o classificou Aristoteles — é a consequência e o limite da vontade. O instinto tem os seus privilegios, mas a vontade tem a sua grandeza. E' o hábito que nos distingue dos animais. Se apenas tivéssemos instinto, como elles, os nossos actos seriam sempre os mesmos; é a vontade, que não existe entre os animais, que faz com que possamos agir de maneira diversa, e que, por hábito, pratiquemos actos que não são inteiramente voluntários.

Em muitos actos da vida animal o hábito produz os mesmos efeitos que o instinto mas o instinto é-nos dado pela natureza, ao passo que o hábito é-nos dado pela vontade. O hábito da pratica de actos bons e de actos maus é que nos dá a Virtude e o Vicio.

A vontade, pode dizer-se afoitamente, está em nós próprios, porque ella tem a sua origem nas mais íntimas acções biológicas dos nossos tecidos mais profundos.

Os dois motores da vontade são as ideias e as paixões. As paixões são fenómenos que se elevam acima de nós, mas que, todavia, a nossa vontade não é de todo estranha, podendo agir sobre ellas. De todas as paixões—o desejo, o medo, o amor, a dor, o prazer—as que constituem a expressão mais simples da sensibilidade são o prazer e a dor, que, por isso, têm o nome de sentimentos.

Educa a vontade, nós podemos agir sob... estes fenómenos da nossa alma. Do prazer e da dor resultam outros sentimentos mais complexos—o amor e o rancor; e destes outros mais complexos ainda—o desejo e o odio, que são os que caracterizam a nossa fisionomia moral.

E' da própria essência da paixão a sua variabilidade, a sua instabilidade. Acerca do mesmo objecto cada individuo tem opiniões diversas, e o mesmo individuo, nas mesmas circunstâncias, chega a ter, em momentos diversos, diversas impressões acerca do mesmo objecto. São fenómenos efémeros os das paixões, são meros acidentes da vida; circunstâncias da vida os provocam, circunstâncias da vida os eliminam. E' por isso que um carácter sólido e vigoroso é o que, dominado por uma vontade firme, se não abandona nem ao prazer nem a dor. Não é o amor nem o prazer que dominam directamente a nossa vontade, é o desejo; mas, imperando uma vez o amor, são os desejos que se tornam irresistíveis.

Uma vontade normal resulta de uma coordenação de volições, uniformes, estáveis e poderosas, e de uma evolução da actividade, que deve ser a forma mais perfeita daquela. Diz-se: não há vontade, há volições. Não é bem assim, há uma e outra coisa. A volição é uma causa, mas também é a resultante de um conjunto de efeitos. A volição resulta de uma série de estados de consciencia, mas, uma vez organizada, transforma-se num novo factor; e para que a volição se produza são necessárias certas condições, a cujo conjunto se chama Vontade.

Entremos no ponto da patologia da vontade. Observemos as doenças da vontade, e vejamos os seus nefastos resultados no carácter do individuo.

Não há vontade, ou a vontade está enfraquecida. São os dois estados que servem de base à patologia da vontade. E' tão doente aquele a quem falta o impulso como aquele outro que tem a vontade excessiva. O individuo que tem a vontade aniquilada tem a actividade psiquica como que suspensa, nem escolhe nem age; a vontade desaparece totalmente. Assim os místicos, os sonâmbulos, os catalepticos. Conservam o seu sistema muscular e a sua intelligencia perfeitae; nitidamente conce-

bem os fins e os meios, mas são impotentes para realizarem o acto. Qual a causa desta impotência? O enfraquecimento dos centros motores, dizem uns; o enfraquecimento das inibições recebidas, dizem outros. Estou com estes últimos: o doente não pode praticar o acto porque não pode crer, porque são fracos e insuficientes os desejos que nele provocam os projectos de praticar este ou aquele acto. É a vida afectiva, é a sensibilidade que está no estado mórbido. A hesitação, a irresolução são estados mórbidos da vontade enfraquecida, e resultam em parte do estado intelectual e em parte da fraqueza do carácter. A acção cerebral é normal, mas o impulso para agir é nulo, muito fraco ou insuficiente. Do uso do ópio e da cocaína resulta esta doença da vontade.

Noutra categoria de enfraquecimento da vontade encontram-se os que sofrem de impulso excessivo; nestes a adaptação intelectual é fraca; a vontade, isto é, a actividade racional desaparece, os impulsos de ordem inferior ganham em tudo o que os impulsos de ordem superior perdem. Os epiléticos, os histéricos sofrem de um impulso inconsciente seguido imediatamente de uma execução, sem que tenham tempo de tomar conhecimento disso. Os melancólicos, os obcecados, os maníacos têm plena consciência da sua situação. Nos ataques de impulsos irresistíveis de origem afectiva encontram-se, de preferência, os alcoólicos.

São casos ainda de enfraquecimento da vontade, embora não tão característicos, os que atingem a atenção voluntária, seja congénita esse enfraquecimento, seja adquirido. Nestes a actividade intelectual é grande, às vezes superabundante e exagerada até, mas falta-lhes o poder director das suas ideias.

Fixei bem! Fixei bem quais são os portadores principais da epilepsia, da histeria, da monomania, e como estas doenças anulam a vontade, para no decorrer da palestra melhor fixardes a influência quasi decisiva da educação da vontade no carácter do indivíduo.

(Da revista "Educação Social").

Aurora de CASTRO

## Memórias dum cabo de polícia

Faziam serviço, nesse tempo, na esquadra dos Terramotos, três guardas que tinham os números 827, 820 e 367, este já expulso, que formavam uma trilogia sinistra. Andando em vigilância, juntavam-se, à noite, com elementos civis apunhaçados do chefe, a quem o vulgo alcunhava de *Pera de Aço*, e começavam por espancar, por desporto, os habitantes do local que, por fatalidade, por ali tivessem de passar.

Agrediam de preferência os chamados sidonistas, fazendo-lhes verdadeiras caçadas. Recordo-me ainda que, estando de patrulha em Campo de Ourique, deram duas sovas de bengalia num rapaz, hoje já falecido, o qual se chamava António e era fiscal do Cine-Paris, e outra num tal Dário, antigo polícia, que se refugiou na farmácia Pinheiro, de nada lhe valendo a defesa, pois que os energúmenos arrastaram-no para a rua e levaram-no para a esquadra, onde ficou preso como desobediente à polícia.

Um indivíduo chamado Marques, que foi estabelecido com casa de pasto no largo da Páscoa, viu a sua casa assaltada, freqüentes vezes, por estes bárbaros, que agrediam os fregueses à bengalada sem que houvesse o menor motivo. O próprio chefe agrediu o dono da casa a cavalo marinho, apenas por ódio político.

Uma noite, na rua Maria Pia, vila Ramos, foi aplicada uma sova a um rapaz, João, empregado no Comércio, e quem morava na mesma rua. O rapaz não dera o motivo mais fútil. O desgraçado, jorrando sangue por um ferimento na cabeça, foi pelos factos obrigados a meter-se em casa sem ser pensado, ameaçando-o de morte, se tornasse à rua. Testemunham este caso os moradores do referido pátio.

Também houve espancamentos, na esquadra dos Terramotos, feitos nuns *reporters* que em *side-car* iam em serviço profissional, chegando o monárquico do cabo Camilo, com fingido facciosismo republicano e político, a meter pela boca de um dos agredidos uma caixa de cigarilhas com as cores da bandeira do antigo regime.

Estes e outros factos levaram o chefe Alves à barra do tribunal, tendo sido condenado com pena de suspensão por três anos. Os guardas foram transferidos e o chefe Alves proibiu a entrada de civis na esquadra e acabando o bando de trauiteiros, de que era chefe o cabo Camilo.

Um dia andava eu em vigilância no Casal Ventoso. Como os meus colegas sabiam que eu via com meus olhos os espancamentos, foi traiçoeiramente agredido pelo guarda 367. Defendi-me à bengalada, intervindo o guarda 1258 que poz termo ao conflito. Aproveitei-se da oportunidade para fugir o *Chora*, gatuno que eu trazia sob prisão.

Sendo destacado para a Figueira da Foz, sob os ordens do cabo 130, lá fui encontrar um pouco de sossego. Regressei três meses depois, na véspera do movimento de 19 de outubro.

Em dia de Todos os Santos encontrava-me de serviço na rua de S. Luís, a fim de prestar auxílio ao dr. Santos Farinha, célebre orador sagrado, por este ter distribuído umas esmolas aos seus paroquianos; e como bem desempenhara do papel, o reverendo chamou-me ao seu gabinete e agradeceu-me, oferecendo-me os seus bons officios junto do dr. Balbino do Rêgo para que eu passasse ao serviço da policia de investigação, o que sucedia poucos dias passados.

(Continua).

## O novo Alto Comissário de Moçambique

Informam-nos da Arcada: "O general sr. Massano de Amorim, parte para Moçambique, no paquete alemão que larga do Tejo no dia 15 de Julho próximo, a fim de ir assumir o cargo de Alto Comissário daquela provincia.

Este funcionario tem recebido varios telegramas da colonia, felicitando-o por ir governar a provincia, onde em tempos fez um belo governo."

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete "Sinoia" são hoje expedidas malas postais para as Agores e New-York e por via Marselha para a India portuguesa e Macau, sendo da estacao central dos correios as ultimas tiragem de correspondencias, respectivamente, ás 9 e 11,30 horas.

## EM ALMADA

### Meia dúzia de falsos católicos pretende afrontar a população com uma fantochada religiosa

ALMADA, 22.—Há já alguns anos que, mercê da atitude e persistente actividade das pessoas de ideias desmoeçadas que vivem neste concelho, se não falava em fantochadas religiosas. Parecia que os religiosos se tinham de vez convencido de que não era já possível trazer para a via publica parodias grotescas que só tinham como condição primordial, o mostrar a vaidade de meia dúzia de enfatuados pedantes.

Pois enganamo-nos. Os corvos voltam de novo ao campo de batalha. Levados talvez pela confiança que têm na actual situação politica, os Loyolas almadeneses pretendem de novo fazer reviver esse passado odioso de mentira e de crápula, fazendo exhibir no proximo dia 25, uma fantochada a que dão o nome de "procissão do São João", cortejo este que há já 16 anos que se não realizava.

Mas não imaginem que são os verdadeiros religiosos, isto é, os que sempre se afirmaram como tal, que promovem tal fantochada. Não senhor. É um redutissimo grupo de pedantes e farçolas, tendo como *factotums* os seguintes... benemeritos: Eduardo de Almeida o "Calças", creatura que o seu principal requisito, é ser pau para toda a obra, e agradar a todas as situações, — é claro para governar a vidinha.

Alfredo J. da Silva, que também está à espera—segundo se diz—de melhorar a situação, e vê nesta ocasião o momento azado para tal cometoimento, e Augusto Trinta, que nem menção merece, dada a sua insignificante personalidade.

Crentes nós de que os verdadeiros religiosos não eram adeptos de tal idea, procurámos ouvir a opinião de um dos mais categorizados marechais da religião cá da terra, e logo encontramos quem satisfizesse a nossa curiosidade.

—É com a aquiescência dos verdadeiros religiosos que se pretende fazer a chamada procissão de São João? — perguntámos.

—Não senhor — responde-nos o nosso entrevistado.

—Nós somos religiosos, e queremos procissões verdadeiramente religiosas e não cortejos pagãos com a máscara de religião. Você, compreende: a procissão de São João foi sempre o que vocês chamavam, — com razão — uma verdadeira fantochada. Ora os religiosos não podem colaborar, nem mesmo consentir que se façam actos destes, em nome da religião, quando o são mas é para meia dúzia de criaturas, que nunca foram religiosos, realizarem os seus inconscientes objectivos.

"Tanto mais que é um acto que há 16 anos deixou de realizar-se porque o povo do concelho já o não suporta."

E mais não disse.

Agora o povo deste concelho, que, através de todos os tempos, tem dado imensas provas do seu amor pela liberdade, que se põe de atalaia, e não consinta que 3 ou 4 pavões venham de novo afrontar-lhe o seu amor à liberdade.

Pedem-nos para por intermédio da *Batalha* declararmos que a Associação dos Bombeiros Voluntários da Almada, promotora das festas a S. João, nada tem com a tal fantochada que alguém pretende levar a effecto neste concelho por ocasião das mesmas festas.

### Persiste a crise ministerial francesa

PARIS, 22.—O sr. Briand tem prosseguido nas suas negociações para a formação do novo gabinete, tendo-se assegurado já da colaboração dos srs. Poincaré, Painlevé e Doumer.—L.

### O navio "Stela d'Italia" no Tejo

Chegou ontem ao Tejo, atracando à muralha de Alcântara, o navio da Liga Naval Italiana, "Stela d'Italia", que traz a bandeira de navio de guerra, trazendo a seu bordo o vice-almirante presidente da referida Liga, Principe di Bitetto, Cito Filomarino, que ontem acompanhado do comandante do navio, o capitão de fragata R. N. Odegi Uberto, secretário geral da citada Liga Naval e do encarregado de Negócios sr. Mário Porta, foi cumprimentar o sr. comandante geral da armada, vice-almirante sr. Silveira Moreno, deixando cartões ao sr. ministro da Marinha, visto este senhor se encontrar doente em casa.

Hoje ás 11 e meia da manhã, vão a bordo retribuir os cumprimentos por parte do sr. ministro da Marinha, o seu chefe de gabinete capitão de fragata Coriolano da Costa e pessoalmente o vice-almirante sr. Silveira Moreno, comandante geral da armada.

O vice-almirante Principe di Bitetto, é senador e chefe dos ajudantes do rei de Itália. O navio larga hoje de tarde do Tejo.

### Os funerais da rainha da Grécia

ROMA, 22.—Realizaram-se somente os funerais da rainha Olga, da Grécia, incorporando-se o ministro grego junto do Quirinal, que representava o presidente Pangalos.

O féretro será trasladado para Firenze, onde será tumulhado na igreja russa, junto do seu filho Constantino, que foi rei da Grécia.—L.

### Os bens das ex-famílias reinantes alemãs

BERLIN, 22.—Os jornais dizem que os resultados do plebiscito nacional sobre a expropriação dos bens das ex-famílias reinantes, representam o numero exacto de cidadãos absolutamente hostis ao regresso da monarquia.—L.

### O jubilo por uma boa nova

BUENOS AIRES, 22.—A noticia de terem sido encontrados na ilha de Maracá, ao norte do Brasil, os aviadores argentinos Duggan, Oliviero e Campanelli, originou grandes manifestações de jubilo, ás quais se associaram o presidente da república e o embaixador italiano.—L.

## PST!

Se quizer passar uma noite agradável vá hoje ver o mais surpreendente e fantástico "vaudeville" actualmente em scena

## O DR. DA MULA RUÇA

NO THEATRO

AVENIDA

## Os santos populares na Sociedade Nacional de Belas Artes

Continua grande entusiasmo pelas festas de beneficência que vão realizar-se hoje e amanhã, e nos dias 28 e 29 do corrente, na Sociedade Nacional de Belas Artes, e nas casas dos santos populares S. João e S. Pedro terão a mais bela das consagrações. A comissão promotora das aludidas festas tem recebido inúmeras adesões que fazem prever o êxito seguro de tão caridosa iniciativa, reunindo elementos admiráveis de atracção que tornarão essas festas brilhantissimas, animando o publico a dar-lhes a sua preferencia.

Hoje, véspera de S. João, tocará no vasto Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes, agora transformado de maneira a encontrarem-se ali instaladas varias barracas onde se vendem cravos de papel, mangleiros, doces, etc., a musica do Asilo de Cegos António Feliciano de Castilho. Haverá deslumbrante iluminação à veneziana, de que se encarregou pessoa competantissima e de bom gosto, e outras surpresas que causarão o maior entusiasmo. Como dissemos já, o festival beneficente que tanto vai dar que falar, revertirá a favor das Florinhas da Rua, Asilo Feliciano de Castilho, Ceguinhas da Rua Formosa, Orfanato de Santa Isabel e Asilo de Santo António.

Os bilhetes para estas encantadoras festas, que estão à venda no porteiro da Sociedade Nacional de Belas Artes, têm tido uma enorme procura, o que não é para admirar visto que em Lisboa raramente se verão outras que lhes possam comparar.

### Visita de estudo da Escola Commercial de Veiga Reirão

Os alunos do curso diurno de Technologia e Mercadorias desta Escola, acompanhados do seu professor sr. Fausto Salazar Leite estiveram ontem na fábrica da Sociedade Industrial de Chocolates, tendo sido acompanhados durante a visita pelo gerente da referida fábrica que com a maior amabilidade dispensou todos os esclarecimentos.

### Um violento incêndio no Poço do Bispo

Pelas 16,45, declarou-se um violento incêndio no armazem de vinhos para consumo e exportação pertencente à Parceria Vinícola Portuguesa, Lda, Praça David Leandro da Silva, 8, (Poço do Bispo).

O armazem tem de frente 10 metros por 50 de fundo, tendo dado causa ao fogo uma fagulha da caldeira de destillação que comunicou à palha de taboa e rapidamente se desenvolveu a todo o edificio, vasilhame e acessórios próprios daquelle armazem.

O incêndio ainda se communicou ao madeiramento dos dois armazens, um de cada lado, sendo o do lado sul de Abel Pereira da Fonseca, e o do lado norte, A. J. Pereira Lda.

Compareceu material e pessoal do Corpo Municipal de Salvação Pública, dos quartéis 1, 2, 4, 5, 7, 8, 9 e 10, e voluntários de Lisboa e Ajuda, sob o comando do comandante Rodrigues Alves, ajudantes Ribeiro e Marcelino, instrutor Reis, chefe de divisão Soares, que immediatamente procederam ao ataque, lutando de principio com pouca pressão de agua nas bocas de incêndios e ainda a maré estava na vazante, recorrendo então a poços de armazens proximos e da Fábrica de Material de Guerra, sendo montados nestes poços, 6 auto-bombas, fazendo o numero de agulhetas que entraram em combate 24.

O fogo tendia a devorar os 3 armazens, mas o acertado ataque evitou-o de maneira que ás 18 horas o incêndio estava dominado, começando o rescaldo que deverá prolongar-se pela noite adiante.

A propriedade pertence a José Augusto dos Santos e estava segura, assim como os armazens em diversas companhias.

A grande quantidade de povo que presenciava o incêndio foi contido por policia e G. N. R., assim como o trânsito de carros ficou interrompido até ás 20,30 horas.

## DESPORTOS

### União Foot-Ball Lisboa e Grupo Foot-Ball Nacional

Para disputa de um bronze oferecido por sócios destes dois clubes, effectua-se na proxima quinta feira, 24, pelas 18 horas, no campo de Santo Amaro, um encontro de futebol entre o União Foot-Ball Lisboa e Grupo Foot-Ball Nacional.

A entrada será franqueada ao publico.

### PEREIRA — Alfaiate

R. da Prata, 266, 1.  
FATOS RECLAME a 295500

### Contra a censura à imprensa

Os protestos operários

O Sindicato dos Impressores Tipográficos protesta energicamente contra a censura prévia que começou a ser exercida sobre a imprensa, e que demonstra inofensivamente os intuitos retrógrados e opressivos dos homens da actual situação politica.

—Na reunião de delegados das officinas graficas realizada ontem na Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares, foi resolvido protestar veementemente contra a censura à imprensa, por a considerar um dos maiores atentados à liberdade de pensamento.

## TIVOLI

Telefone N. 5474  
As 21 horas

## O vôo da Aguia

Superfinito em de partes do  
HENRY ROUSSEL  
o encenador de "Violetas imperiais"  
o celebre bailarino espanhol  
ISABELITA RUIZ  
Magnifica pagina da historia de Napoleão Bonaparte

DUAS CINÉ FARÇAS

UMA CINÉ-REVISTA

A'manhã—Matinée ás 3 horas

## A Guerra de Marrocos

### Morto o cão...

MADRID, 22.—As noticias ultimamente recebidas sobre as operações militares em Marrocos, são das melhores. A occupação definitiva, na totalidade da zona do protectorado espanhol, está em boa via de conclusão.

Por outro lado annunciam que as tropas espanholas occuparão de um momento para o outro os territórios do Targuist Djebel Haman sabendo-se ao mesmo tempo que o território Telfer, na zona de Larache, foi novamente occupado pelas tropas espanholas que occuparam igualmente a Ponta dos Pescadores, na Gomara. Esta operação realizou-se sem fôgo.

Estas operações são de grande importância, cercado as tribus insubmissas, que se concentram cada vez mais em territórios nunca pisados por soldados europeus.

### Companhia Carris de Ferro de Lisboa

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

### Bilhetes de assinatura

Esta Companhia faz publico que desde já recebe requisições para bilhetes de assinatura nas seguintes condições:

1.º O prazo de validade para os bilhetes trimestrais começa em 1 de Julho e termina em 30 de Setembro de 1927, e para bilhetes semestrais começa em 1 de Julho e termina em 31 de Dezembro de 1926.

2.º O preço dos bilhetes trimestrais é de esc. 309\$00 (trezentos e sessenta e nove escudos), mais esc. 11\$18 (onze escudos e dez-cito centavos) correspondentes ao imposto do selo de 3 % conforme o art. 4.º da lei 1.330 de 13 de Fevereiro de 1926, mais o adicional de 1 % do art. 67 da lei 1.368 de 21 de Setembro de 1922, e o preço dos bilhetes semestrais é de esc. 615\$00 (seiscentos e quinze escudos), mais 18\$04 (dezoito escudos e sessenta e quatro centavos) correspondente ao referido imposto do selo adicional.

3.º Os bilhetes deverão ser requisitados à Companhia, nos seus escritórios, em Santo Amaro, em carta impressa, segundo o modelo que a Companhia fornece, devendo o requisitante juntar-lhe duas fotografias iguais, medindo 0,035x0,035, despegadas do cartão, não se aceitando fotografias que sejam de dimensões inferiores a estas ou inutilizadas por qualquer carimbo.

4.º A Companhia só se obriga a fornecer bilhetes de assinatura três dias depois daquelle em que receber a requisição, nos termos acima indicados, mas nunca antes do dia 30 de Junho de 1926.

5.º Os bilhetes são absolutamente pessoais e intransmissíveis e só são válidos para os carros eléctricos que circulam nas linhas da Companhia para o serviço do publico, excluindo, portanto, os que circulam nas linhas da Nova Companhia dos Ascensores Mecânicos de Lisboa.

6.º Em caso de perda ou extravio deverá o assinante fazer a participação à Companhia, que, decorridos oito dias, lhe fornecerá outro bilhete.

Durante este prazo que a Companhia reserva para averiguar qual o paradeiro do primitivo bilhete o assinante só poderá transitar nos carros pagando as suas passagens e sobre ellas não terá direito a restituição alguma nem perdas e danos.

7.º Quando qualquer pessoa que não seja o proprio assinante fizer ou tentar fazer uso dum bilhete de assinatura será o bilhete cassado pelo agente da Companhia e em seguida anulado, isto sem prejuizo do processo a seguir contra o autor e cúmplice desta fraude ou tentativa de fraude.

8.º Os bilhetes de assinatura emitidos pela Companhia, terão a fotografia e a assinatura do assinante e serão autenticados com as assinaturas ou chancelas de dois directores e, ainda, com o carimbo em relevo, de que usa a Companhia.

9.º Os assinantes não podem apresentar sob pretexto de quaisquer prejuizos reclamação alguma contra a Companhia por motivo de demora, paragem e interrupção de circulação na linha, mudança de serviço, diminuição, de numero de carros, falta de lugar, por motivo de greve ou, ainda por qualquer outro caso de força maior.

10.º Fica o assinante obrigado a apresentar prontamente o bilhete ao condutor e, bem assim, quando exigido pelos outros empregados da Companhia, não sendo sufficiente a declaração de ter assinatura.

Fica igualmente obrigado a reproduzir a assinatura quando for necessário, para comprovar a sua identidade.

11.º A falta casual ou forçada da utilização do bilhete não constitue o assinante, nem os seus successores ou herdeiros no direito de reclamar indemnização ou compensação alguma da Companhia.

Em caso algum poderá o assinante, quem o represente ou quem lhe succeda, reclamar o valor total ou parcial da assinatura, cujo preço uma vez pago, pertence de direito e para todos os effectos à Companhia.

Lisboa, Santo Amaro, 19 de Junho de 1926.—A Direcção.

### As visitas aos presos nas Cadeias Civis

Uma comissão de familias de individuos presos nas Cadeias Civis, procurou ontem o sr. ministro da Justiça, a quem pediu que sejam mantidas as visitas aos presos que se encontram em Monsanto.

## Teatro São Luiz

Telef. T. 224

Companhia Lucília Simões

HOJE—O ADMIRAVEL

HOMEM DAS 5 HORAS

A finalizar o espectáculo a "bluette"

PAPO SECO

O espectáculo mais alegre

de Lisboa constituindo

um autêntico successo

em que toma parte a bailarina

ALEXIANE

e o Alcob's Jazz Band

## Prêso e deportados

Ontem, pelas 14 horas, a comissão de *demarches* do Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade da C. G. T., acompanhada pelo advogado dr. Sobral de Campos, procurou avistar-se com o ministro da Justiça, a fim de lhe apresentar aquella representação que a *Batalha* há dias publicou e que se destinava ao então presidente do ministério Mendes Cabeçadas, e uma reclamação dos prêsoes sociais de Monsanto contra a desumana retirada das visitas das familias ás quintas feiras.

Recebeu a comissão pelos secretarios do ministrio e entregues os documentos referidos, foi-lhe notificado, na presença das familias dos presos que também ali compareceram, que os dois assuntos seriam atendidos dentro dos moldes da justiça e do respeito à lei, ficando de transmitir amanhã o sentir do ministrio sobre os assuntos.

## 'A Batalha' na provincia e arradoras

### Guarda

### Uma arremetida infeliz

GUARDA, 21.—Verberámos aqui, e indignadamente, há tempos, o procedimento do sr. A. Rebelo Barão, pelo facto deste obrigar os operários a ir trabalhar gratuitamente nas obras do Lactário.

Este individuo entendendo que a verdade deve ser desmentida, como se os factos possam ser torcidos ao seu capricho e ás suas inconveniências, quis servir-se de operários para nos deixar mal collocado como correspondente de *A Batalha*. Anda, para esse effecto, tratando de arranjar um documento assinado pelos operários António Nunes, Manuel Nunes, Amaro da Silva, Alberto Pinto, António Lopes, José dos Reis, Antero dos Reis, João Pereira, Manuel Pereira, Manuel Rebelo, José Abrantes, António Valente, José da Silva, António Martins, Virgílio Cleto, Francisco Marques, Laurentino Marques, Joaquim Macario, Alfredo Neto, António Abrantes, Manuel Paiva, Joaquim Brás e Alberto Pinto para o por, ao que dissemos, um desmentido em varios jornais.

Nada conseguirá com esse estratagem, valendo-se de criaturas que fora das obras do B. N. U. dizem uma coisa e na sua presença affirmam outra. Esses operários que se prestam a fazer o seu jôgo, procuraram varias vezes o correspondente de *A Batalha*, queixando-se contra o sr. Barão e pedindo-lhe que o atacasse nas columnas do jornal.

Os operários que trabalham sob as ordens do sr. Barão são ainda obrigados, depois de largarem o trabalho a ir carregar pedra para as obras do Lactário, recebendo como recompensa varios insultos.

O sr. Barão procede indecorosamente, sem nada lucrar com isso. Diz o mesmo individuo que nós somos inimigos do bem estar das criancinhas o que não é verdade, visto que na acta dum assembly geral effectuada no nosso sindicato o correspondente deste jornal aprovou que os operários trabalhassem alguns dias, gratuitamente, para as obras do Lactário.

## SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Excursionista "A Verdade".—Por não terem comparecido à reunião para ontem convocada e por absoluta necessidade de reunir-se devem comparecer hoje, na sede provisória, ás 18 horas precisas, todos os componentes deste grupo.

Academia Recreativa "Os Leais Amigos".—Continuam as grandes festas que esta academia resolveu levar a effecto durante o mês de Junho, sendo o programa de hoje o seguinte:

Das 21 ás 5 da madrugada, baile a tertereto com "jazz-band". A's 24 horas, queima das alachofas. A' 1 hora, marcha dos mangiericos.

Amanhã, ás 21 horas, grandioso baile a tertereto com "jazz-band" e um corridinho do Algarve para disputa dum premio.

## Ocorrências diversas

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço foi pensado, recolhendo depois à Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, Joaquim da Silva Gomes, de 44 annos, natural e residente em Costas do Cão, Monte de Caparica, e que ali foi colhido por um cesto cheio de batatas, ficando com a perna direita fracturada.

No Banco do Hospital de S. José, recebeu curativo, e foi para casa, António Duarte Martins Louro, de 25 annos, natural de S. Pedro do Sul, descarregador, residente na Vila Dias, 8, e que a bordo de um vapor fundeado na Rocha do Conde d'Obidos foi colhido por um barril, ficando com fractura de costelas.

No mesmo Banco também foi pensado e recolheu a casa, Silvério Dias Abreu, de 23 annos, natural de Aveiro, condutor dos electricos, rua Pascoal de Melo, Vila Luz, 3, r/c, que, na Rua da Palma, foi colhido pelo travão do carro em que trabalhava, ficando contuso no torax.

Na enfermaria n.º 2 do Hospital do Desterro, deu ontem entrada Manuel da Silva, de 25 annos, corticeiro, natural da Covilhã, rua do Mirador, à Ajuda, 25, cave, e que ali, ha cerca de oito dias, foi colhido por um cavallo, ficando com varias contusões pelo corpo.

No Banco do Hospital de S. José, recebeu curativo e seguiu depois para casa, José Gonçalves, de 53 annos, natural de Póentevedra, descarregador, Beco do Espirito Santo, 12, que caiu a bordo de um pontão da Empresa Nacional de Navegação, ficando com varias escoriações e contusões na perna direita.

## TEATRO HOJE

APOLLO e todas as noites

OS MILAGRES

## NO IMPÉRIO ANGOLANO

## Norton traiu todas as suas promessas, roubando e tirando a população

Vamos ler os nomes de mais 28 abutres? Vamos ver mais 28 ladrões roubando Angola?

Não sentes, africano, os piratas tirando-te as botas dos pés, o falo do corpo, a luz do espírito, o alimento do estômago?

Não sabes, africano, onde estão as tuas botas, o teu chapéu, a tua casa, a tua terra, a tua religião, a tua felicidade?

Como és miserável! Sim, miserável! Tu és uma besta de carga, um verdadeiro bicho, negro e repugnante! Não tens consideração, não tens coração, nem cérebro, nem sentimentos, nem vontades, nem necessidades a satisfazer. És um monstro!

Se és assim, se a Natureza engendrou-te a luz tal monstruosidade, não me devo coarçar de ver uma besta pôr-te as patas sobre o abdômen; se és um ser humano como eu, revoltado contra os teus ladrões, os teus verdugos!

Ladrões, porque te roubam, roubam-te tudo; verdugos, porque te torturam e te matam!

Vê, são financeiros, militares, padres, governadores, «madames», «mademoiselles», inspectores, secretários, banqueiros, chefes, ajudantes, comerciantes, proprietários, industriais, engenheiros, capitalistas, roceiros — seita de exploradores, carniceiros, tubarões, vampiros!

Não vês como Norton de Matos, o chefe da seita, o grande republicano democrático, enche o estômago e mais os padres, os grandes financeiros e políticos de todas as cores?

Não vês, ontem, nos monarquias absolutas e constitucionais, como hoje nas repúblicas, as altas camadas desta Sociedade abjecta e vil unidas para te explorar, fustigar e matar, a sangue frio, rindo, valendo?

Não se publicou em muitos jornais dessa desgraçada colónia, como nos dêste miserável país, e não se ouviu e ouve ainda, por aí, como por cá, que ao Banco Nacional Ultramarino era devida a maior parcela da ruína dessa província, tua terra?

E não vês como os governadores, gerentes e inspectores do B. N. U. se reúnem, com o mais alto representante do Estado, comendo e bebendo à custa do coife da colónia — a tua custa, africano?

Não vês, quando do comércio na capital do teu continente, contra o Banco Nacional Ultramarino, como até o banqueiro Galileu Correia condenou o Banco emissor das colónias, responsabilizando-o da terrível situação em que Angola se debatia, apelando, em público, para ti, para toda a gente, europeia e africana, reunida no comércio, procurando conquistar a vossa simpatia e levar-vos à manifestação de toda a vossa força a fim de poder conseguir os seus «estísticos fins»?

E não vês como ele com os adversários, como eles todos, os «grandes amigos da Pátria», estão apostados em chegar primeiro ao fundo da gamela?

Olha, africano, a Civilização desta Sociedade canhal, é o Crime, regulamentado pelas leis que ela dita e impõe; o Progresso é o Roubo, praticado de dia e de noite, na terra e no mar, no sob-solo e no ar, usando-se de todos os meios imagináveis para o consumo; a Justiça é a Iniquidade manifestada em todos os actos deliberativos de todos aqueles que estão investidos de poderes para decidir.

E a Pátria? O que é a Pátria? É a Sala de Jantar dos Políticos; é uma gamela em torno da qual todos os patriotas se abancam, procurando o último corrente matar o primeiro para ocupar o lugar dele!

Ontem eras escravo; hoje és escravo. Norton fez propaganda dessa desgraçada Angola em todo o território que ela compreende; tornou-a conhecida, elevou-a em Portugal e no estrangeiro.

Abriu a boca até às orelhas para dizer que era preciso trabalhar; apregou a economia por todos os cantos e em todos os papéis; disse que era imprescindível reunir e aproveitar todas as energias; que os seus planos eram grandes e que Angola ia progredir — ressurgir!

E afinal o que fez? Dize-me, mostra-me, africano, a «Obra».

Vigiar centenas de operários; impor milhares de contos de reis de matéria prima para interessar primeiros, segundos e terceiros — e quarto, que é a voragem do tempo, consumindo o resto; iniciou obras que nunca se concluíram; fez concessões, concedeu exclusivos, celebrou contratos, empenhou os rendimentos alfândegados, contraiu empréstimos, cometeu arbitrariedades, vexou, oprimiu, vendeu Angola, tua terra!

E fazia-o, à Mesa do Orçamento, com a seita exploradora, apregando economia e patriotismo!

Olha para eles! E' o cônsul e o magistrado, o padre e o militar, o governador e a mademoiselle, o banqueiro e o secretário, a madame e o comerciante, o capitalista e o carcereiro, o industrial e o burocrata!

Vê, nas sedas, nos organdis, nas alpacas, nos galões, no ouro, nos brilhantes, no Kermann, no absinto, no champagne, na música está a tua desdita, a tua miséria, a tua liberdade, a tua vida, africano!

O mesmo fez Régio Chaves quando chegou e durante o tempo que aí esteve; e o mesmo farão todos aqueles que para aí forem. E tu continuarás a ser o mesmo escravo, o mesmo miserável, o mesmo bicho!

Norton não te disse, ao público, na hora da partida, que seria um crime abandonar Angola, garantindo-te que vinha a Portugal tratar da saúde e que breve regressaria para continuar a «Obra»?

E depois de deixar Angola não tem estado a suprema e ao chegar a São Tomé tem o absurdo descaramento de mandar um telegrama, prestando contas da gasolina que tinha consumido, descrevendo o itinerário dos seus passeios pela província!

Quando ele morrer, a Pátria ficará de luto! O Progresso perderá a força motriz, e a Civilização um pioneiro! E tu, africano, terás de contribuir com um tostão para ser erigido um monumento ao «Grande Homem»!

Correia de SOUSA

## AGENDA

## CALENDARIO DE JUNHO

## MARES DE HOJE

Pralamar às 0,47 e às 1,10  
Baixamar às 0,17 e às 6,40

## CAMBIOS

Países Compra Venda

Sobre Londres, cheque 94\$75

Madrid cheque 3\$29

Paris, cheque 3\$56

Suiza, cheque 3\$78

Bruxelas cheque 3\$75

New-York, cheque 19\$55

Amsterdão, cheque 7\$86

Háia, cheque 3\$71

Brasil, cheque 3\$05

Praga, cheque 3\$58

Suécia, cheque 5\$25

Austria, cheque 2\$77

Berlim, cheque 4\$66

## ESPECTACULOS

## TEATROS

São Luís.—A's 21,15.—O Homem das 5 Horas, 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Sés.

Paço.—A's 21,15.—O Santo António.

Imperial.—A's 21,15.—O Dr. da Mala Ruça.

São Vito.—A's 21.—Variedades.

Cinema El Viciente (à Graça).—Espectáculos às 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19, 21, 23, 25, 27, 29, 31.

Teatro Parque.—Todas as noites. Concertos: diversões.

## CINEMAS

Tivoli.—Olimpia.—Central.—Condes.—Chiado Terrace.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança.—Tortoise.—Cine Paris.

## PEDRAS "METAL AUER"

## PARA ISQUEIROS

VENDEM-SE NO LATA, DO LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Duzia \$40; 100, 2\$80; mil, 25\$00

Pedra grande, duzia, \$80

## LIMAS NACIONAIS

Só a grande lima de propagandas tem dando lugar a uma

única lima de propagandas em Portugal

em todas as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

as línguas estrangeiras, visto que

## SALVADOR BARATA, L. DA

Fabricantes dos Alvaides marca «GAVOTA» e únicos depositários de

«PÓ RODRIGUES»

O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, etc.

em todas as DROGARIAS, MERCERIAS e lojas de FERRAGENS

A VENDA

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES

RODRIGUES



## A OBRA DUM ALTO COMISSARIO

### Impõe-se a anulação duma portaria que permite a expulsão de portugueses do território de Moçambique

LOURENÇO MARQUES, JUNHO. — Azevedo Coutinho, na ânsia de se agarrar ao orçamento onde estava diariamente enchendo a cantarinha com cerca de 2.100\$00, tendo enchido de miséria e dor a família operária pelas tiranias e prepotências que pôs em curso, — quis ainda abarrotar a medida, publicando, contra todas as leis orgânicas da Colónia, uma portaria sobre a expulsão de portugueses.

Sobre o assunto publicamos já um artigo bastante elucidativo; mas, para que o governo ouça e reponha as cousas nos seus devidos lugares, anulando esse diploma absurdo, tirano e ilegal, vamos transcrever o que sobre o assunto, em artigo editorial, publicou o «Jornal do Comércio», o mais importante órgão conservador da imprensa de Lourenço Marques:

«No «Boletim Oficial» foi publicada uma portaria pela qual o Alto Comissário da Província poderá ordenar a expulsão de qualquer cidadão português do território da Colónia ou de parte do mesmo território. Ainda não dissemos, mas vamos dizer agora que não concordamos com tal diploma, sejam quais forem os motivos alegados para a sua promulgação.

Se outras razões não houvessem para sermos contrários à actual situação, essa lei de excepção injustificável, desnecessária e ilegal, constituiria por si só motivo mais do que suficiente para a combatermos.

O nosso espírito, sempre aberto às mais amplas conquistas do pensamento, revoltava-se contra tudo que represente iniquidade e despotismo.

Mal dos governos que enveredam por caminhos tão escabrosos! Sob o pretexto de há pouco se ter cometido um crime bárbaro, contra o qual nos temos manifestado, promulgou-se a Portaria 293.

A admitir como razoável tal princípio, perguntamos:

Quantas portarias ou decretos seria preciso publicar se todas as vezes que se praticam crimes idênticos se recorresse a tais extremos?

Não haverá no Código Penal matéria mais do que suficiente para qual os criminosos e seus cúmplices recebam condigno castigo?

Sem dúvida que sim; mas o fôto de quem redigiu essa *celebre* portaria não foi o de expulsar desta provincia assassinos confessos. Não.

Ela tem talvez, a nosso ver, o fim de pôr à margem, afastando-os para bem longe, aqueles que mais e melhor souberam perturbar a difícil digestão de certas criaturas...

Essa portaria há-de, por certo, ser anulada; porque além de inconstitucional, como passaremos a demonstrar, representa a maior anomalia que temos presenciado durante a vigência do actual regime.

A República não se implantou em Portugal para que os seus governos pudessem dispor arbitrariamente dos nossos direitos de cidadãos livres.

Onde estão os princípios democráticos tão largamente apregoados? Onde está o respeito pelas leis em vigor?

## Liga dos Direitos do Homem

### A sua attitude em face da ditadura militar

Reuniu anteontem o Directório da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem, aprovando a seguinte nota officiosa cuja publicação solicita da imprensa:

«A Liga Portuguesa dos Direitos do Homem é um organismo absolutamente alheio a partidários políticos, crenças religiosas ou facções sectárias. Como objectivo pretende a máxima felicidade humana, propagando a solidariedade entre os homens e o direito à sua existência num âmbito de liberdade correspondente ao direito e respeito mútuo. É fundamentalmente um organismo pacifista e *ipso facto* ligado à Sociedade das Nações que estabeleceu, no Tratado da Paz de Versalhes, o desarmamento dos Estados. Sendo pacifista é antimilitarista; notando-se que ser militar de profissão não implica ser militarista. Para resolver conflitos entre povos ou colectividades preconiza a arbitragem. Para solucionar questões entre homens um júri sentenciaria consoante a razão e a justiça. E, enfim, um organismo vigilante dos abusos do poder e da autoridade. Combate as ditaduras civis ou militares, porque personificam o poder absoluto do homem, sempre falível, praticando o arbitrio.

Em sequência lógica dos princípios a L. P. D. H. registou com agrado a circunstância da não efusão de sangue na insurreicção militar de 27 de Maio último. Todavia no conselho de ministros de 14 de Junho, o sr. ministro da Guerra apresentou um anteprojeto de leis as quais como apresentante logicamente perfeitou, e agora como presidente do Ministério pretenderá efectivar. Entre essas leis propõe para repressão *do crime de guerra no prazo máximo de oito dias*. Isto é, o sofístico restabelecimento da pena de morte, abolida definitivamente em terra portuguesa em 1894, por Lopo Vaz, para orgulho de todos os portugueses. Havendo na legislação vigente penalidades para todos os criminosos é estranho que alguém pense em punir crimes comuns ou políticos praticando crimes em nome da justiça. Mais: aniquilando o Direito pela impossibilidade de reparar erros judiciários como o de Ferrer. Mas porque o momento é de surpresas a L. P. D. H. protesta contra a preconização sofística do restabelecimento da pena de morte.

### O combate ao analfabetismo e a todos os elementos da perversão social

Em seguida o Directório aprovou as seguintes propostas para sua immediata effectivação:

«Verificando-se com pesar que nos últimos decénios aumentou consideravelmente

E' preciso que se saiba e se afirme bem alto, que a expulsão de nacionais para fora da Colónia é ilegal, porisso que o disposto na base 12.ª n.º 4.º da lei n.º 277, de 15 de Agosto de 1914, quanto a essa expulsão, foi revogado pelo parágrafo 2.º do art. 5.º da lei n.º 1.022.

Na codificação que o Decreto 7.008 de 9 de Outubro de 1920 fez das leis orgânicas das provincias ultramarinas — 277 e 278 — de 1914, com as modificações introduzidas pela lei n.º 552-D de 29 de Maio de 1916, e pelos decretos com força de lei n.º 5.730 e 5.779 de 10 de Maio de 1919, e pelas leis n.º 1.005 e 1.022, de 7 e 20 de Agosto de 1920, manteve-se essa revogação da expulsão dos nacionais, como se vê da base 20.ª atribuição 3.ª da Secção I, regulamentada na base 95.ª — (desse decreto 7.008).

A Secção 3.ª da base 28.ª do mesmo decreto 7.008 não pode deixar de, quanto à expulsão, se referir somente aos estrangeiros, pois a vir a referir-se aos nacionais equivaleria a manter no Decreto 7.008 (codificação das leis orgânicas das provincias ultramarinas) uma disposição que a lei 1.022 revogara, quando é certo que esse Decreto 7.008 manda fazer aquella codificação com as alterações da lei 1.022.

Não se diga que só está prohibida ao governo da colónia a expulsão de nacionais por tempo indeterminado, porquanto a revogação que a lei 1.022 fez no parágrafo 2.º do art. 6.º da competência da expulsão dos nacionais prevista na base 12.ª da lei 277 de 1914, é justamente a da expulsão dos nacionais por tempo determinado, tanto para outro lugar da colónia como para outro lugar do território nacional.

\*\*\*

Que necessidade tem o governo local de tal portaria se mesmo sem ela expulsou para fora da Província e dentro dela para território diferente daquele onde residiam, diferentes cidadãos?

Estamos, pois, em presença de uma portaria ilegal e monstruosa, em todo o sentido.

Cumpra a todos os liberais, sejam quais forem as suas convicções políticas, crenças filiares, opondo-lhe o seu mais veemente protesto.

Torna-se necessário pedir a quem de direito a revogação dessa *histórica* portaria que é a suprema vergonha dum povo cujas tradições sejam liberais.

A comissão executiva da Federação Ferroviária avistou-se ontem novamente com o novo Alto Comissário de Moçambique, sobre a situação da classe ferroviária de Lourenço Marques; regresso dos ferroviários deportados e demittidos que se encontram na metrópole e ainda dos que se encontram presos em Moçambique. Afirmou o Alto Comissário mais uma vez ir fazer inteira justiça à classe ferroviária, esperando a Federação que tal afirmação seja totalmente cumprida.

Reúnem hoje na sede da Federação Ferroviária, pelas 21 horas, os ferroviários deportados e os demittidos dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques que se encontram em Lisboa.

o analfabetismo, não se formando caracteres, e tornando-se a infância mais suggestiva pela educação visual — o animatógrafo; considerando que parte da população é sem analfabeta e também suggestiva pela leitura de jornais, observando-se que pelo analfabetismo se tornam mais numerosos os invulgarmente de crimes são praticados num período relativamente curto, conclue-se que o jornalismo é indirectamente um factor dinâmico da criminalidade como muito proficentemente demonstrou o professor Emilio Costa, no Congresso de Educação Popular, considera a L. P. D. H. necessário que no animatógrafo se exibam filmes essencialmente educativos, e que no jornalismo se sintetize o relato de toda a criminalidade, para o que vai convidar os directores dos jornais de Lisboa e correspondentes de jornais da provincia para uma reunião a-fim-de acordarem na sintetização do referido noticiário.

### Contra o uso das carroças de mão

Apreciando a desumana imposição dos transportes em carroças de mão, o Directório aprovou a moção seguinte:

«Considerando quanto tem de antagónico com o progresso mundial e de desumano o homem exercer funções de animal de carga e atendendo que o assunto foi tratado por interessados com muita elevação moral num recente congresso operário, concorde com as conclusões aí aprovadas, resolve a L. P. D. H.: officiar a todos os municípios pedindo que cessem as licenças para veículos de carga conduzidos por menores ou homens na via pública, excepto os carriños de mão necessários aos calceteiros e cantoneiros municipais; officiar à Repartição Técnica do Trabalho no sentido que nos locais de trabalho onde pela sua natureza os menores tenham de transportar cargas à cabeça, as costas ou em carriños de mão, os pesos não possam exceder os seguintes quilogramas: para menores de 14 anos dez quilos de carga às costas ou à cabeça, e trinta e cinco em carriño; para menores com mais de 14 anos, quinze quilos às costas ou à cabeça e quarenta e cinco em carriño; enviar esforços pela rigorosa fiscalização mormente no labor dos menores empregados em carvoarias e mercearias, e moços de armazéns de fazendas».

O Directório volta a reunir extraordinariamente na próxima segunda feira.

## POIS SIM...

Informam da Arcada:

«O ministro da Instrução pediu às direcções gerais do seu ministério uma nota das sindicâncias que ainda estejam pendentes e uma nota das diversas comissões de estudo nomeadas pelos seus antecessores, com a indicação da data em que principiaram os seus trabalhos».

### A sizania entre radicais por causa do apoio dado pelo directório aos militares

Ninguém deixou de notar a activa participação do Partido Radical, ou dos seus principais elementos, no pronunciamento militar que garantiu a fundação de uma ditadura antipática. Parece, porém, que esta attitude veio causar a sizania no próprio partido, a julgar pelo número de indivíduos que se têm desligado. Agora, é o sr. Manuel Soares da Costa que dirige uma *carta aberta* ao directório do seu partido. Eis os termos dessa carta:

**Presados correligionários:** Tendo acompanhado de perto os recentes acontecimentos políticos no nosso país e não me encontrando satisfeito com o silêncio inexplicável dos altos corpos directivos do meu partido venho por este meio perguntar-lhes o que pensam acerca da situação, pois me encontro completamente desorientado.

Como simples soldado disciplinado, tenho sempre cumprido as resoluções das entidades que têm dirigido o nosso partido, embora algumas vezes não esteja de absoluto acôrdo.

Antes da eclosão do movimento de 28 de Maio, já eu sabia que muitos elementos do nosso partido tinham tomado o compromisso de participar activamente nele, o que se verificou. Ora o que eu desconhecía é que os correligionários que lá fizeram seriam os primeiros a ser perseguidos pelos homens que formaram o governo que substituiu o do ditador constitucionalista António Maria da Silva. Em face da proclamação *gaga* dos revoltosos, sou forçado a concordar que nenhum componente do nosso partido devia aceitar qualquer cargo dentro da nova situação, mas o que eu não compreendo é a razão porque o *comandante das forças de mar* foi destituído dos cargos que exercia antes do movimento. Diz-se que entre os elementos do nosso partido e o *comitê* da revolta havia vários compromissos, entre os quais o de fazer regressar os deportados do movimento de 2 de Fevereiro.

Para mim, isto é muito importante, mas não me satisfaz. Martins Júnior e os outros civis já regressaram. E os pobres soldados? Esses não têm direito ao regresso? Julgo que sim. E só um motivo muito ponderoso faria com que Martins Júnior os deixasse lá ficar. Mas isto é necessário que se explique, para honra do nosso partido.

O outro caso que reputo importante — O nosso correligionário António Joaquim de Magalhães, que tomou parte activa no movimento, desligou-se do partido. Depois de ler a noticia nos jornais procurei este dedicado correligionário para saber a razão da sua attitude; mas não o encontrei, e não vi ainda qualquer desmentido. Por me parecer que este cidadão não é um ambicioso, entendia que devia ser explicado o motivo que o levou a desligar-se do partido.

Estamos em face duma situação mais grave do que no tempo do sidonismo e o Directório do meu partido permanece mudo. Será por concordar com o actual estado de coisas? Eu julgo que não, mas também me parece que não será por prudência. Sim, porque a coisa está mais que vista. Quanto a mim já não tenho dúvidas, a não ser que esteja enganado. E' nacional o governo? São republicanos todos os indivíduos que têm tomado conta dos governos civis, administrações de concelho, etc.?

Deve ser considerada como medida de salvação pública o reconhecimento da capacidade jurídica da Igreja? E o ensino religioso nas escolas é também necessário? E os julgamentos sumários? Enfim, todas as bases do programa apresentado pelo actual chefe do governo e presidente da República, podem ser apoiadas pelo P. R. Radical? Se podem, desde já declaro que não confio no seu Directório. O presidente deste, dr. Lopes de Oliveira, foi dos primeiros a ser exnovoado, mas dada a fusão que no momento reinava ainda se podia tolerar tal *engano*, como depois se disse. Porém agora é que já não pode haver dúvidas acerca das intenções dos indivíduos que estão, senhores da situação.

O facto de Gomes da Costa ter sido nosso correligionário não me habilita a confiar na sua acção, pois verifico que os indivíduos que o rodeiam, ou por outra: o prenderem, são suspeitosíssimos, quanto ao seu republicanismo. Um dos órgãos do governo é a *Epoca*, jornal católico-monárquico, em tempos excomungado pelo Papa por defender em demasia a politica das Braganças. O actual ministro do Interior odeia a Lei da Separação, lei basililar da República. O ministro da Justiça tem afinidades com o Centro Católico. O dr. Mendes dos Remedios mostrou o seu desprezo pela instrução dos operários suprimindo as Escolas Primárias Superiores. O sr. Filomeno da Câmara pertence à Cruzada Nuno Alvares e quasi todos os outros membros do governo ainda não vi que tivessem dado provas da sua fé liberal, antes pelo contrario.

Podem os republicanos radicais ter confiança em tais entidades? Pela parte que me diz respeito não tenho nenhuma e se ainda houver algum que tenha esperanças na obra do tal ressurgimento nacional, parece-me que terá de esperar até que veja ressurgir a bandeira azul e branca para se convencer de que a sua expectativa era demasiado ingênua. Oxalá eu me engane. No entanto, gostava que o Directório do meu partido me desse mais alguns esclarecimentos, além dos que acima peço, que me habilitassem a tomar uma attitude claramente definida perante a actual situação. Vosso e da causa radical, Manuel Soares da Costa, filiado n.º 479. — Lisboa, 22 de junho de 1926.

## SOLIDARIEDADE

Realiza-se no próximo sábado uma festa cujo produto se destina a custear as despesas feitas com os melhoramentos na sede da secção da construção civil do Alto do Pina.

A festa realiza-se na sede do grupo dramático «Os aliados», rua Barão de Sabrosa, 185, e do seu programa consta, além dum interessante sarau dramatico, a colaboração dum núcleo de cultivadores do fado.

A comissão promotora reúne hoje, pelas 21 horas.

## ASSINEM Os mistérios do Povo

### O sindicalismo em França foi arruinado pela interferência de políticos

O agravamento da situação económica em França fomenta o descontentamento nas classes operárias. As greves estalam por toda a parte, sem a preocupação do momento mais oportuno.

São movimentos rápidos, impetuosos, determinados pela vontade combativa dos operários de reagirem violentamente contra as péssimas condições de vida que lhes são impostas.

As classes operárias, segundo as afirmações de um militante sindicalista francês, lançam-se na greve por melhorias de situação, sem o apelo às organizações centrais. Assim, queixa-se esse militante, aliás, sem toda a razão, de que as duas organizações, quer a C. G. T. reformista, quer a C. G. T. comunista, não tenham tempo a canalizar a acção reivindicadora, porque as greves declaram-se e resolvem-se impulsivamente.

Nós, porém, pensamos o contrario. Já não falamos da autonomia que o sindicalismo indiscutivelmente reconhece aos sindicatos. O factor principal e, digamos, arbitrário, da impulsividade das greves, deve-se unicamente à descrença que, por desgraça, se apossou de toda a classe operária, desde que, entre os militantes, se estabeleceu a luta pelo predomínio influencia politica no movimento operário, esquecendo-se o carácter de reivindicação económica e social do sindicalismo. Esta luta tem provocado, a par das scições e da desagregação do movimento sindical em organizações que mais parecem partidos políticos, o afastamento do operariado aborrecido de pugnas que não melhoram a sua situação.

O sintoma mais grave do actual movimento sindical em França é que o operariado parece resolvido a effectuar os seus movimentos reivindicatórios fora das organizações centrais e limitando-se, quando não ao movimento numa só officina ou fábrica, a suportar condicionalmente a interferência do próprio sindicato.

Como não podia deixar de ser, as greves, na sua maior percentagem, não logram a vitória. E o patronato, — a verdade, mesmo dolorosa, impõe-se sempre a nossos olhos — sentindo em ruínas o movimento sindical, usa de uma politica de exigências que

### O Corpo de Bombeiros transmudou-se em feira franca em prejuizo de todo o pessoal

Perdeu-se a vergonha, foi-se o pundonor, extinguiu-se por completo o sentimento da honestidade. Noutros tempos ainda os predicados da intelligencia diligenciavam macerar-se de dignos costumes e actos mais ou menos corrautos, capitulando prudentemente os seus autores ante um ataque dos jornais ou um contundente discurso.

Hoje qualquer borra-botas considera isso frivolidade. Os artigos publicados em *A Batalha* tiveram o condão de refinar, como zombaria, as irregularidades praticadas no Corpo de Bombeiros, se é que, pelo acinte e gravame que revestem, não devem já adjectivar-se d'outra forma.

A pleiteia democratica abriu jôgo franco. Aproveitar, faltar, enquantar dura.

Homens velhos, cujos anos de serviço prestados à corporação se contam por dezenas, emudecem assombrados ante tanta desfaçatez, tamanha falta de ombridade.

Nada temem, decididamente. Ouvimos um bombeiro que, num misto de indignação e pesar, nos declarou arrebatadamente: é uma vergonha o que se está passando na corporação.

Como que uma insólita resposta às verdades cruas que *A Batalha* tem feito engulir como marmelos, os abusos continuam, agora mais accentuados do que nunca. As afrontas sucedem-se qual escarneo lançado à cara dos que, não podendo abafar os germes de uma mal contida repulsa pelos desmandos cometidos, mau grado seu a exteriorizam por qualquer forma. As officinas são verdadeira roupa de franceses. Fogões, mesas para eles, frequentes reparações em automóveis particulares, trabalho de toda a ordem, offerecendo-se em troca as suas officinas à disposição como lá pouco succedeu ao soba Ferreira, aquiescência de máquinas caríssimas que nunca chegam a trabalhar por serem desnecessárias, como um limador que nessas condições se arrumou a um canto, automóveis que ficam expostos ao tempo, deteriorando-se, tudo isso, tudo, carrega, asfixia a comandante, que chega a consumir mais de sessenta escudos por dia, tudo, tudo, sem conta, peso nem medida.

Quando os operários municipais, exaustos, gastos de reclamar a melhoria de salários que a outra veração lhe promettera, resolveram, como manifestação de protesto, paralisar por um dia o trabalho nas officinas, o soba Pais, esquecendo o tempo em que incumbia ao pessoal seu subordinado missões concernentes à rebelião, e que algumas vezes precisou as agredões à paulada como argumento mais convincente, gritou «filito que estava tudo insubordinado».

De todo se lhe varreu da memória a expressão do seu acólito Ferreira: «decididamente nós não estamos bem senão a conspirar». Os operários estavam insubordinados porque num belo gesto de boa camaradagem pretendiam contribuir, com o auxilio, aliar ordens, para o êxito de uma justa reclamação.

E o comandante, que num gesto teatral de Napoleão de lata, gritava, espumava, rugia: rua! rua! como se estivesse tratando cães, esquecia também a conjuntura perfeitamente analoga em que se virá e que o obrigou a assumir attitude que por dever de lealdade igualmente conferia então aos operários. Entregues voluntariamente à prisão os officiaes aviadores que há tempo levaram a effeito um movimento insurreccional, julgou do seu dever solidarisar-se com elles entregando-se também. E ninguém lhe gritou rua! rua! Pelo contrario, deferiram-lhe um requerimento de licença para estar preso antes mesmo de entrar na Câmara. A linha perdida, as faces democraticamente congestionadas gritava que aquilo não era officina de cadeiras. Pois não. Mas é de

irrita os operários, que bem depressa se lançam na greve sem se garantir das necessárias condições de triunfo que só a solidariedade e a consciencia de classe podem assegurar.

Não bastam estes factos desoladores a dar aspectos de derrocada ao movimento sindical francês. Já se escutam rumores de uma avassaladora crise de trabalho e, contudo, a organização de resistência da classe operária continua enraquecendo a vista menos perspicaz.

A C. G. T. U. (comunista) esforça-se por fazer regressar os operários que dia a dia se afastam, falando, como fazem todos os partidos políticos, de largos planos de reivindicações e luta, nos quais se augura o fácil triunfo. E' certo que no espirito do operário francês — e nisso têm razão os comunistas — ainda vive, bem forte, a *tradição* anarquista daqueles belos tempos em que a organização sindical panteava uma pujança que se supunha já imortetouira.

Porisso, também, é que os operários não escutam os apelos desesperados da C. G. T. U. nem acreditam no seu plano de reivindicações que inclui a reclamação do padrão ouro para que a industria francesa possa concorrer aos mercados mundiais, assim garantindo trabalho aos operários.

Que admirável revolucionarismo este dos comunistas, que, como o reformismo, pretende ligar a sorte da classe operária à classe burguesa, sem reconhecer que a primeira destas classes nada tem a perder nessa tremenda crise que vem afligindo a classe capitalista.

Naturalmente, a classe operária sofre as mais duras consequências da crise do capitalismo, mas não é a salvar a vida deste ultimo que ela chegará a atingir a sua emancipação.

A própria crise virá acirrar a luta de classes e o proletariado acabará, finalmente, por ocupar o seu verdadeiro lugar, fora das organizações onde mandam políticos que, por muito revolucionários que sejam, sempre têm razões ponderosas a atender antes da Revolução Social...

Paris, Junho.

Alfred DURAND

### Vida Sindical

#### C. G. T.

##### Secção de Federações

Novamente esta secção, solicita dos organismos federativos uma rápida resposta à circular n.º 57, enviada já há dias às Federações de Industria. Como até à data poucas respostas têm sido recebidas, o que está transformando imenso as reclamações a effectivar sobre a crise de trabalho existente em todo o país, torna-se necessário que os organismos indicados não descurarem o assunto a-fim-de activar o respectivo estudo sobre esta momentosa questão.

#### Câmara Sindical do Trabalho

##### DE LISBOA

##### Conselho Geral

Reuniu ontem, estando representados 11 organismos.

Entrando-se immediatamente na ordem do trabalho, o Conselho occupou-se de assumptos referentes à suspensão da greve de protesto contra a Ditadura Militar, cujos effectos a organização começou a sentir com a apreensão pela policia das Proclamações da greve.

Apreciou a attitude das entidades governativas no tocante à pretendida adaptação da Organização Sindicalista aos interesses do Estado, liberdade de culto e ensino religioso nas escolas. O Conselho constatando que as liberdades publicas continuavam a perigar deliberou que a Câmara actue junto dos Organismos para que estes contintem a manter bem vivo o espirito da luta de classes. Aprovou também uma moção que determina a continuidade da defesa da Organização Sindical, e uma proposta dos delegados do Sindicato dos Alfaiates para que *A Batalha* mantenha bem vivo nas suas colunas o ataque à reacção.

##### COMUNICAÇÕES

**Sindicato Unico Metalúrgico** — Reuniu-se ontem extraordinariamente a comissão administrativa, que apreciou o expediente que constava: officios de Joaquim da Silva, que foi tomado em consideração 1.º de Abílio Jaime Barreiro, sendo-lhe satisfeito o seu pedido e resolvido officiar-lhe. Apreciou a conveniência de se realizar a assembleia geral extraordinária, resolvendo que ela seja convocada para a próxima terça-feira, 29 do corrente, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Preenchimento de cargos vagos. 2.º Apreciar o regulamento da biblioteca. 3.º Apreciar a attitude dos delegados à C. S. T. 4.º Apreciar o parecer sobre o número de confederados. 5.º Parecer da comissão revisora de contas. 6.º Assuntos varios. Resolven comprar vários expedientes administrativos e reunir novamente amanhã.

**Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina** — Previnem-se todos os camaradas que queiram inscrever-se para a aula de militantes, que a inscrição se encontra patente na sede todas as noites, das 21 às 23 horas.

##### CONVOCAÇÕES

##### REUNEM-SE HOJE

**Federação da Construção Civil** — Para se occupar de diversos assumptos, pelas 21 horas, a comissão administrativa.

##### DIAS PROXIMOS:

**Federação da Construção Civil** — Com a ordem dos trabalhos já publicada, reúne amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Federal.

**Sindicato da Construção Civil** — Secção do Alto Pina. — Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

— Pelas 21 horas, a comissão organizadora da festa pré-Secção da Construção Civil do Alto do Pina.

##### JOVENTUDES SINDICALISTAS

**Federação — Comitê Federal** — Reuniu-se ontem tendo apreciado o expediente que constava: de officios de Aljustrel, sendo resolvido que ele baixasse ao Secretariado de Solidariedade, de Valadas Ramos pedindo a sua escusa de delegado ao Conselho Federal, resolvendo que esse officio baixasse à apreciação do Conselho Federal. Resolven que o Conselho Federal reúna na quinta-feira, 1.º de julho, pelas 20,30 horas. Apreciou a falta de correspondência de alguns Núcleos, resolvendo officiar para Covilhã, Gouveia e Graça do Divor.

**Núcleo de Lisboa** — Reuniu hoje, pelas 21 horas, o Secretariado Central.

**Secção de Belém** — Reuniu hoje o Secretariado Seccional pelas 21 horas.

##### CONFERÊNCIAS

##### "Industria metalúrgica"

Não se tendo effectuado na quinta feira da semana passada, por motivo dos acontecimentos politicos, a conferencia do engenheiro sr. Ferreira de Simas, que estava annunciada para a secção da Universidade Popular que funciona no Sindicato Metalúrgico, realiza-se amanhã, pelas 21 horas, no mesmo local, essa conferencia, ultima da série subordinada ao tema «Industria metalúrgica».

### Secção Telegráfica

SECRETARIADO DE ASSISTENCIA JURIDICA E SOLIDARIEDADE

**Cadeia de Monsanto**. — Joaquim da Silva. — Segue officio. Os informos sobre os processos que o advogado está passando a limpo, em breve serão enviados.

A visita de pessoas de familia foi por nós tratada junto das entidades competentes. Aguardamos resposta até amanhã.

tarem dos seus direitos, e não permitirem nem mais um momento que Ivo Paur os explore tão escandalosamente e ainda queira tratá-los como se fossem escravos. Avante, pois, camaradas, da! Figueira, e encojai-vos, levantai bem alto o vosso grito de: Basta! Fazei recuar o homem que vos tem explorado, integrá-vos convenientemente no espirito associativo, e vinde com vosso engrossar a falange que luta por melhores dias, por dias de mais Beleza e mais Equidade — C